

TECNOLOGIAS DIGITAIS E EPISTEMICÍDIO: UM ESTUDO FILOSÓFICO-INTERDISCIPLINAR

DIGITAL TECHNOLOGIES AND EPISTEMICIDE: AN INTERDISCIPLINARY PHILOSOPHICAL STUDY

*Leticia Vitorino da Silva*¹

Resumo: Neste trabalho, nos propomos a discutir a seguinte questão: quais podem ser os papéis das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) em relação ao epistemicídio? No viés negativo podemos ressaltar o uso desenfreado de dados, a vigilância da vida privada levando a falta de privacidade e a disseminação exagerada de padrões que podem incluir o padrão de beleza, financeiro, alimentar, entre outros. Entretanto, a visibilidade, as oportunidades de emergência cultural, a possibilidade de enunciação, o fácil acesso a conteúdos informativos compõe o viés positivo de um dos papéis das TIC em relação ao epistemicídio. A questão sobre os papéis das TIC no epistemicídio será estruturada, em primeiro momento, com a exposição de como o colonialismo europeu resultou em uma tentativa de padronização do conhecimento; traçaremos um panorama histórico até o neocolonialismo e exporemos características que acentuam o epistemicídio, caracterizado por Boa Ventura de Sousa Santos como “[...] a supressão dos conhecimentos locais perpetrada por um conhecimento alienígena.”. A seguir, traçaremos um panorama de conceitos do neocolonialismo, relacionando-o com as TIC. Finalmente, discutiremos algumas consequências negativas (a vigilância da vida privada, o uso desenfreado de dados, a disseminação de padrões estereotipados) e algumas consequências positivas (a visibilidade, oportunidades de enunciação e emergência cultural) que as TIC apresentam no cenário inaugurado pelo neocolonialismo na contemporaneidade.

Palavra-chave: Epistemicídio. Colonialismo. Tecnologias de informação e comunicação.

Abstract: In this work, we propose to discuss the following question: what can be the roles of Information and Communication Technologies (ICT) in relation to epistemicide? On the negative side, we can highlight the rampant use of data, surveillance of private life leading to a lack of privacy and the exaggerated dissemination of standards that may include standards of beauty, finances, food, among others. However, the visibility, the opportunities for cultural emergence, the possibility of enunciation, the easy access to informative content make up the positive bias of one of the roles of ICT in relation to epistemicide. The question about the roles of ICT in epistemicide will be structured, at first, with the exposition of how European colonialism resulted in an attempt to standardize knowledge; we will trace a historical panorama to neocolonialism and expose characteristics that accentuate epistemicide, characterized by Boa Ventura de Sousa Santos as “[...] the suppression of local knowledge perpetrated by an alien knowledge.”. Next, we will draw an overview of concepts of neocolonialism, relating it to ICT. Finally, we will discuss some negative consequences (the surveillance of private life, the unrestrained use of data, the dissemination of stereotyped patterns) and some positive consequences (the visibility, opportunities for enunciation and cultural emergence) that ICTs present in the scenario inaugurated by neocolonialism in contemporaneity.

Keywords: Epistemicide. Information and Communication Technologies. Colonialism.

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da UNESP Marília – Faculdade de Filosofia e Ciências. E-mail: levitorino98@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7314-3593>.

1. Introdução

Estudos acadêmicos sobre o conhecimento deram origem a epistemologia (do grego *episteme* que significa conhecimento e *logon* que significa estudo). A epistemologia, como a compreendemos na parte ocidental do mundo, atualmente é focada e voltada para um conhecimento vindo, principalmente, da Europa. Isto é, um conhecimento seletivo e restrito de visões particularmente eurocêntricas. Por exemplo, textos filosóficos ressaltando que a Filosofia nasceu na Grécia com Tales de Mileto, são pensamentos eurocêntricos inseridos gradualmente em culturas, como a brasileira, visando uma padronização do conhecimento por parte dos colonizadores. Essa tentativa de homogeneização ocorre, em parte, devido à colonização histórica, no qual os colonizadores, visando obter poder, impunham suas culturas para os colonizados para adquirir uma padronização do conhecimento.

Com um pensamento de que o conhecimento europeu é o único válido e certo, os colonizadores impunham sua religião e seus pensamentos sobre culturas totalmente diferente das suas, obrigando os colonizados a segui-las ou, até mesmo, trabalhar como escravos e serem mortos por possuírem culturas, consideradas pelos europeus, inferiores. Deixando, assim, com que as culturas do sul perdessem parte, ou completamente, sua essência para uma ascensão cultural europeia. Por esse e outros motivos que a grande parte das pessoas não procuram considerar culturas como a chinesa, egípcia, africana, indígena, entre outras, como meios de atingir o conhecimento, seja ele prático ou teórico, como apresentado por Gilbert Ryle (1945 - 1946), em *Knowing How and Knowing That: The Presidential Address*, como veremos mais adiante.

Aceitar que a Filosofia tenha começado com Tales de Mileto e não questionarmos ou não considerarmos o que havia antes é um exemplo de como o pensamento eurocêntrico foi inserido em nossa cultura. A dominação europeia está tão enraizada, que dentro do nosso próprio país desconsideramos filosofias de extrema importância como a indígena. Os indígenas do Brasil possuem culturas ricas e diversas, cada um com filosofias diferentes, mas eles são considerados apenas selvagens grosseiros por grande parte da população, devido à ascensão do pensamento europeu.

Em síntese, várias culturas do sul do mundo, que sofreram maior colonização, foram desprezadas e ignoradas, em prol de uma tentativa de padronização de um conhecimento específico de uma única área. Porém, a homogeneização não foi completa; alguns grupos oprimidos resistiram a tentativa de padronização e ainda hoje mantêm sua

cultura apesar das tentativas de mantê-los calados. Um dos inúmeros resultados dessa tentativa de homogeneização foi o quase esquecimento das epistemologias do sul, que foram deixadas de lado tanto na cultura como nas universidades, principalmente no Brasil.

Para tratar da irrelevância que a epistemologia do sul atualmente possui em relação aos conhecimentos situados ao norte do mundo, em sua obra, “Epistemologias do Sul”, Santos e Meneses (2009) utilizam o termo “epistemicídio”, com o sentido de um assassinato do conhecimento, como se o conhecimento e as culturas do sul fossem invisíveis.

[...] o epistemicídio, ou seja, a supressão dos conhecimentos locais perpetrada por um conhecimento alienígena [...] De facto, sob o pretexto da ‘missão colonizadora’, o projeto da colonização procurou homogeneizar o mundo, obliterando as diferenças culturais [...] A perda de uma autorreferência genuína não foi apenas uma perda gnoseológica, foi também, e sobretudo, uma perda ontológica: saberes inferiores próprios de seres inferiores. (SANTOS; MENESES, 2009, p. 17)

O trecho supracitado realça que o epistemicídio não ocorreu apenas na questão de uma perda de identidade cultural e epistemológica, mas, resultou também, em uma perda do indivíduo colonizado como um ser, o qual era apenas colocado como um ser inferior ou mera coisa. Quando analisamos etimologicamente, o termo epistemicídio pode ser dividido da seguinte forma: *episteme*, sendo ela o conhecimento; *cidio*, do latim, matar. Dessa forma o termo tem o significado puro de morte do conhecimento, porém, analisando o trecho acima, podemos compreender que epistemicídio é uma palavra que vai muito além de apenas a morte do conhecimento se estendendo até mesmo ao domínio epistemológico da identidade do ser.

Além dos colonizadores europeus usarem por vezes a força bruta, também e, principalmente, utilizaram elementos de persuasão para tentarem padronizar a religião, os hábitos, o conhecimento comum e científico. Apesar da passagem dos séculos, ainda hoje o epistemicídio predomina, porém, sem o uso da força bruta para dominação, mas persiste a ideologia de dominação silenciadora da diversidade cultural. Possuímos um mecanismo mais sedutor para a implementação de padrões na sociedade, não apenas padrões os acadêmicos, mas, também, padrões econômicos, estéticos, alimentares, que são facilmente disseminados através da *internet*.

Na última década, as tecnologias de informação e comunicação (TIC) evoluíram de uma maneira que quase os próprios seres humanos tiveram dificuldade de acompanhar. Essa evolução, trouxe consigo algumas consequências negativas, mas também,

consequências positivas. Um dos lados negativos das TIC é justamente a facilidade com que agora pode-se implantar padrões estereotipados, com as redes sociais como principal meio. As TIC podem modificar nossas noções do que é verdadeiro, por exemplo, a disseminação de modelos irrealistas de vida, plantadas na realidade de pessoas que não alcançarão o que veem, por estarem diante de uma realidade distorcida, acarretando as mudanças do que compreendemos como realidade e verdade. Além da velocidade de processamentos de informação que possuímos atualmente, também lidamos com os Big Data² que possibilitam a armazenagem de dados absorvidos pela internet, muitas vezes de forma obrigatória.

Usuários da rede que estão usando a internet apenas para diversão ou como rotina, acabam fornecendo seus dados de maneira quase involuntária de forma a poder usar uma determinada plataforma ou realizar alguma compra pela internet. Nessas atividades, acabam não se perguntando para onde vão seus dados privados; por exemplo, em uma busca no Google, quando estamos procurando por um livro X, basta uma única pesquisa sobre o item para que as informações comecem a aparecer em forma de anúncio em diferentes feeds de notícias dos lugares em que podemos estar conectados.

Outro exemplo, ainda operando com o Google³, podemos procurar na barra de buscas uma palavra e em seguida, várias frases relacionadas com aquela palavra aparecerão de sugestão para acessarmos. Isso se dá devido aos dados que a plataforma absorve em diversas buscas já feitas anteriormente. Se outra pessoa, com interesses distintos, procurasse a mesma sentença, sua sugestão de frases seria diferente. Como já citado, o Google sugere frases baseando-se em buscas passadas, porém, a partir de uma análise de dados de nosso histórico de busca, acabamos sendo direcionados para matérias e notícias semelhantes aos que já foram acessadas.

Esse efeito circular nos direciona, diversas vezes, para os mesmos posicionamentos, matérias e artigos com conteúdos semelhantes ao que costumamos consumir, causando, assim, uma certa alienação do usuário que não se preocupa em pesquisar sobre assuntos com diversos pontos de vista diferentes do seu. A sedução da rede acontece de forma tão suave que não conseguimos ter noção de que vemos exatamente a mesma coisa diversas vezes ao longo dos dias, e a esse novo tipo de colonização, consumo e armazenamento de dados denominou-se neocolonialismo.

² Conceito que será brevemente discutido no tópico 5.

³ Vale lembrar que esse sistema de sugestão de frases não ocorre apenas do Google, outras plataformas como o Youtube seguem esse mesmo padrão.

Entretanto, as TIC também trouxeram consequências positivas para a sociedade, por exemplo, o fácil acesso ao conhecimento por meio de artigos e sites confiáveis de revistas e jornais eletrônicos. Além desse acesso à informação, ampliou-se a possibilidade de comunicação a distância que, principalmente em meio a pandemia de Covid-19, se mostrou útil ao proporcionar que pessoas continuassem trabalhando, estudando e, até mesmo, tendo consultas médicas de forma remota e online. Com o avanço das TIC, os grupos que resistiram⁴ ao epistemicídio também foram beneficiados; a tecnologia facilitou uma maior visibilidade para pessoas e grupos oprimidos, de uma forma que pudessem se conectar e interagir, compartilhando histórias, conhecimento e suas lutas de resistência.

As TIC, como uma ferramenta, permitiram que a visibilidade e o lugar de enunciação, rompessem com parte da padronização do conhecimento que temos atualmente, mostrando que, não são apenas os conhecimentos teóricos da Europa que são tidos como válidos. Os conhecimentos práticos e teóricos de outras partes do mundo também podem expressar distintas filosofias, uma vez que as entendemos como o *saber que* e o *saber como* (Gilbert Ryle, 1945 - 1946) usar o conhecimento.

Um dos objetivos centrais do presente artigo é defender a hipótese segunda a qual a Filosofia pode expressar um tipo de saber prático do conhecimento, independente de sua origem. Objetivamos também analisar influências, tanto positivas como negativas, das TIC no processo de epistemicídio, padronização e possíveis consequências futuras, por exemplo, uso não permitido de dados e informações pessoais cada vez maior, mas, também, possibilidade de emergência cultural.

Em suma, buscaremos evidências para nossa hipótese de trabalho, segunda a qual o resultado da padronização através da colonização histórica possui influências até hoje, porém, de um modo que quase não percebemos que estamos sendo padronizados de forma estereotipada; entretanto, as TIC permitem a ascensão de alguns grupos marginalizados, possibilitando que suas culturas sejam vistas e consideradas. A seguir, detalharemos algumas características do epistemicídio.

⁴ Ou seja, grupos que, apesar da imposição cultural europeia, ainda seguem com suas culturas e crenças de origem.

2. O que é o epistemicídio?

O epistemicídio, de forma mais detalhada, nas palavras de Boaventura de Souza Santos (2010, p. 20):

[...] a epistemologia ocidental dominante foi construída na base das necessidades de dominação colonial e assenta na ideia de um pensamento abissal. Este pensamento opera pela definição unilateral de linhas que dividem as experiências, os saberes e os actores sociais entre os que são úteis, inteligíveis e visíveis (os que ficam do lado de cá da linha) e os que são inúteis ou perigosos, ininteligíveis, objetos de supressão ou esquecimento (os que ficam do lado de lá da linha).

O trecho supracitado indica que, o lado de cá da linha é, supostamente, o lado “certo”, ou seja, uma cultura que “merece” ser padronizada por ser considerada superior e, conseqüentemente, imposta sobre as outras, enquanto o lado de lá da linha é o que deve ser esquecido e oprimido, o “errado” que deve ser colonizado; de modo simplificado, o lado de cá da linha seriam os europeus/colonizadores e o lado de lá da linha seria o sul⁵/colonizados. Porém, a imposição não é apenas cultural, existe o lado de cá e o lado de lá da linha em diversas outras análises que serão desenvolvidas mais a diante, mas, agora, analisemos uma das imposições no âmbito político.

Um dos casos que podem ser analisados como superioridade política, é a ideia de que o capitalismo é o único sistema econômico que pode dar certo, suprimindo os outros sistemas econômicos que poderiam vir a ser mais justo e até mesmo menos desumanos, com governantes que não coloquem a ganância e a sede de poder antes da população. A imposição do capitalismo trouxe episódios de descaso humano, por exemplo, o caso estudado por Maria Paula Meneses de tráfico humano em Moçambique, demonstrando que a necessidade de dinheiro leva os seres humanos aos piores feitos existentes, entre eles, a escravidão, a prostituição e o tráfico de pessoas e animais. Um sistema no qual a fome não comove, pois os grandes produtores de alimentos preferem queimar suas produções ao vê-las desvalorizar. Também o exemplo brasileiro de políticos, homens e mulheres do governo que, por ganância, desviam dinheiro público para benefício próprio

⁵ Aqui é necessário que façamos uma distinção. O sul geográfico, África, América Latina e Oceania, se difere do Sul epistemológico que é o tratado nesta pesquisa quando nos referimos aos grupos resistentes ao epistemicídio. Por exemplo, a China, o Japão, a Índia, entre muitos outros, também são culturas que foram oprimidas nas academias brasileiras devido a ascensão europeia.

enquanto milhares morrem em hospitais, moram nas ruas e passam fome. Em suma, um sistema imposto para deixar os ricos mais ricos e os pobres na miséria.

O capitalismo faz com que algumas pessoas parem de se ver como seres humanos e se enxergarem como meras mercadorias, produtos de vitrine, capazes de se venderem e de comprarem outras pessoas sem se questionarem se aquela atitude é correta e ética. Ranson Riggs (2016), expõe de uma forma cômica e ligeiramente bizarra, no conto *Os esplêndidos canibais*, a que os seres humanos podem se submeter quando se trata de dinheiro. Arrancando seus próprios membros em troca de dinheiro para possuírem a maior e melhor casa da vida de Swampmuck. Até chegarem ao ponto em que eram apenas corpos decepados, escravos dos canibais que lhes sustentavam financeiramente. E o capitalismo não passa de uma Swampmuck com pessoas obcecadas em dinheiro para possuírem cada vez mais bens, muitas vezes não importando as consequências de suas ações.

Em qualquer âmbito que ele atue, o epistemicídio não é um assunto recente, seja em um sistema econômico como acabamos de analisar, ou também em pensamentos de superioridade entre classes sociais. Na Grécia antiga, o filósofo Aristóteles, defendia a relação de superioridade de uns sobre os outros, em sua obra *Política*, afirma que:

Somente entre os bárbaros a mulher e o escravo estão no mesmo nível. Assim, esses povos não têm o atributo que importa naturalmente a superioridade e sua sociedade só é composta de escravos dos dois sexos. Foi isso que fez com que o poeta acreditasse que os gregos tinham, de direito, poder sobre os bárbaros, como se, na natureza, bárbaros e escravos se confundissem. (p. 9-10)

De acordo com Aristóteles, as mulheres, os escravos e os bárbaros mereciam ser governados por não possuírem a capacidade de mandar em outras pessoas, e ele continua: “Pertence também ao desígnio da natureza que comande quem pode, por sua inteligência, tudo prover e, pelo contrário, que obedeça quem não possa contribuir para a prosperidade comum a não ser pelo trabalho de seu corpo.” (p. 9). O filósofo assume que precisa haver um ser que comanda e um ser que obedece, estabelecendo uma sobreposição de autoridades e conhecimentos sobre as outras pessoas, além de uma sobreposição cultural.

Seguindo a mesma linha de superioridade cultural grega que vimos com o pensamento de Aristóteles, tem-se também a hipótese de que a Filosofia originalmente começou na Grécia antiga, com Tales de Mileto, e esta teoria foi inserida de um modo tão gradual, pelo menos no Brasil, que a maioria da população simplesmente aceita esse

“começo”. Sendo que, comunidades como as egípcias e as chinesas, que se formaram cronologicamente antes, já possuíam sua Filosofia antes de Tales assumir que “tudo é água”. Porém, devido a homogeneização cultural as primeiras civilizações foram filosoficamente esquecidas e culturalmente reprimidas para termos um “início oficial” da Filosofia como sendo por volta de 600 anos a.C, na Europa.

Apesar das diversas civilizações anteriores à Grécia, ainda é comum encontrarmos intelectuais que assumem que “a Filosofia é grega”. Em sua obra, *Convite à Filosofia*, Marilena Chauí (2000, p. 20), cita:

Quando se diz que a Filosofia é um fato grego, o que se quer dizer é que ela possui certas características, apresenta certas formas de pensar e de exprimir os pensamentos, estabelece certas concepções sobre o que sejam a realidade, o pensamento, a ação, as técnicas, que são completamente diferentes das características desenvolvidas por outros povos e outras culturas

Chauí argumenta que o pensar “não grego” não é abrangente e generalizador como o pensar grego, ou seja, o “pensar filosófico”, ela afirma que apenas na Grécia o pensamento começou a ser abrangente e não restrito a coisas determinadas e sem fundamentos.

Em outras palavras, Filosofia é um modo de pensar e exprimir os pensamentos que surgiu especificamente com os gregos e que, por razões históricas e políticas, tornou-se, depois, o modo de pensar e de se exprimir predominantemente da chamada cultura europeia ocidental da qual, em decorrência da colonização portuguesa do Brasil, nós também participamos. (CHAUÍ, 2000, p. 21)

Nessa citação, Marilena Chauí afirma que a Filosofia originou-se na Grécia devido ao pensamento mais amplo e crítico que os gregos desenvolveram, mesmo com culturas anteriores já possuindo diversas formas de pensar (teóricas e práticas) antes mesmo da criação da Grécia. Pode parecer evidente que culturas anteriores à grega são de extrema importância para a Filosofia, mas ainda encontramos o pensamento europeu muito enraizado no ocidente devido, em parte, pela colonização, gerando pensamentos como o da estudiosa Marilena Chauí.

A forma de pensar que exalta a filosofia grega mostra a influência que a Europa ainda possui em nossa cultura, além de espalhar um conhecimento equivocado sobre a origem da Filosofia, fazendo com que cada vez mais as epistemologias do sul sejam deixadas de lado para a ascensão do pensar grego. É de extrema importância ressaltar que

a filosofia criada na Grécia possui, sim, conhecimentos essenciais que contribuem para o desenvolvimento filosófico, mas o que procuramos evidenciar é a necessidade de tratarmos as filosofias com o mesmo grau de relevância e possamos reconhecer os diversos tipos de conhecimentos e pensamentos como igualmente importantes, sem exaltar uns e humilhar outros.

Em suma, o epistemicídio, caracterizado como uma sobreposição de uma cultura sobre a outra, não afetou apenas a história econômica e cultural de diversos povos, mas também se enraizou em culturas distintas e permanece ainda hoje. A seguir, teremos uma breve exposição de algumas epistemologias do sul, evidenciando sua importância para inúmeras áreas do conhecimento.

3. As Epistemologias do Sul

De acordo com Menezes (2009) e Santos (1995) “Uma epistemologia do Sul assenta em três orientações: aprender que existe o Sul; aprender a ir para o Sul; aprender a partir do Sul e com o Sul” (SANTOS, 1995, p. 508) e quando possuímos uma epistemologia, em sua maioria, voltada aos saberes europeus, muitas vezes nos esquecemos que existe o Sul, que nós existimos. Portanto, que nesse tópico possamos aprender um pouco mais com o Sul⁶.

Quando pensamos em Filosofia não podemos deixar de nos perguntar o que ela é, porém o conceito de Filosofia possui inúmeros significados e nenhuma definição exata e universal, sendo assim, como pode-se assumir que a Filosofia é – ou não é – algo, se nem ao menos sabemos conceitualizá-la? Assim, questiono: como pode-se dizer que a Filosofia nasceu na Grécia? E se a filosofia é *grega*, então antes dos gregos, o conhecimento não era utilizado da maneira correta ou, até mesmo, não era válido?

A menina sonhadora que habitava em Adilbênia Machado (2020, p.2) acreditava que “[...] a filosofia fosse possibilidade de construir pensamentos e práxis de libertação, onde a pluralidade de saberes, de culturas, de povos fosse fonte para suas tessituras”. Isto é, uma filosofia da diversidade, no qual saberes múltiplos podem ser vistos como úteis e fontes igualitárias de conhecimento. Porém, o ponto de vista da menina Machado (2020), acaba sendo apenas uma idealização quando nos deparamos com filósofos e filósofas que

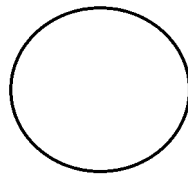
⁶ Sul epistemológico.

acreditam na visão europeia de Filosofia que impede, em algumas circunstâncias, que outros saberes emergjam como válidos.

Chauí (2000) é uma dessas pessoas que tem um posicionamento voltado para a concepção de uma Filosofia iniciada na Grécia, porém, diferentemente de Chauí, traremos alguns pontos que podem sustentar a Filosofia do Sul. Em *Convite à Filosofia* a filósofa afirma (p. 20-21):

O pensamento chinês toma duas características (masculino e feminino) [*Yin-Yang*]⁷ existentes em alguns seres (os animais e os humanos) e considera que o Universo inteiro é feito da oposição entre qualidades atribuídas a dois sexos diferentes, de sorte que o mundo é organizado pelo princípio da sexualidade animal ou humana. O pensamento de Pitágoras apanha a Natureza numa generalidade muito mais ampla do que a sexualidade própria a alguns seres da Natureza, e faz distinção entre as qualidades sensoriais que nos aparecem e a estrutura invisível da Natureza, que, para ele, é de tipo matemático e alcançada apenas pelo intelecto, ou inteligência.

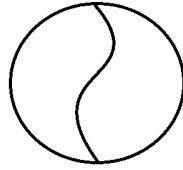
Na citação acima, Marilena Chauí limita o conceito Yin-Yang apenas a “dois sexos diferentes” com uma constatação fraca e básica carregada de uma visão eurocêntrica; esse conceito filosófico é muito mais extenso do que se pode imaginar, de forma simplificada, Yin-Yang representam o equilíbrio entre os opostos, presente em todos (não apenas masculino e feminino) os seres do universo, animados ou inanimados, de acordo com o taoísmo. Apenas a representação gráfica, isto é, o signo que representa Yin-Yang contém por si só conhecimento e de acordo com Lao-Tzé – principal filósofo do taoísmo –, esse conceito começa com a representação do vazio (figura 1).



(Figura 1)

⁷ Nossa anotação.

Em seguida o vazio se movimenta (figura 2).



(Figura 2)

Para, então, surgir os opostos e se equilibrarem, isto é, o Yin-Yang (figura 3)



(Figura 3)

Para haver o equilíbrio perfeito, o caos de Yang possui uma pequena parte de Yin, assim como a paz de Yin uma parte de Yang. Tomemos por exemplo uma pedra e o gelo, por sua rigidez, considera-se que a pedra é Yang, enquanto o gelo, por sua frieza, como sendo Yin, mas nenhum dos dois possui apenas uma das características, a presença de um não significa a ausência do outro, e, sim, quantidades maiores e menores de Yin-Yang em uma mesma coisa. Lao-Tzé acreditava que quando um ser está bem, ele está em equilíbrio, contendo Yin-Yang em harmonia, mas quando está doente, possui mais um do que o outro presente, trazendo um desequilíbrio.

Esse conceito não se resume apenas a coisas físicas, pode ser compreendido também na parte psicológica dos seres humanos. Uma pessoa emocionalmente frágil, suscetível a chorar, dispõe de uma personalidade com mais Yin, ao passo que um indivíduo agressivo e violento contém traços com mais Yang e devemos, mais uma vez, deixar claro que Yin-Yang existem ambos em todos os seres vivos do universo, trazendo o equilíbrio físico e/ou emocional ou o desequilíbrio. Mas essas são poucas definições de um conceito complexo criado na China bem antes de Mileto.

Analisemos agora uma das filosofias africanas. Como se pode dizer que o conceito Ubuntu na filosofia africana não corresponde à Filosofia? As tribos da África, utilizam esse conceito como um significado de paz e felicidade entre os seres humanos, uma relação entre a unidade e o coletivo. Uma das mais conhecidas definições a respeito dessa

expressão é “humanidade para com os outros”⁸ (LUZ, 2014). No qual, o indivíduo se torna uma pessoa somente em meio a outras pessoas, sem individualidade e sem competitividade. Para os seguidores da filosofia Ubuntu, a concepção de família não abrange apenas quem está perto agora e sim todos que já foram e todos que virão, remetendo a ancestralidade. O conceito Ubuntu é universal para os africanos e propicia uma conexão circular que mantém a energia da tribo em movimento entre todos, em contraste a uma filosofia linear e sistemática.

Ainda podemos analisar algo mais próximo de nosso contexto, como as filosofias das tribos do Brasil. Grande parte da população ignora ou simplesmente não se importa com os nativos espalhados pelo país, considerando-os sem cultura, mais uma evidência do que o epistemicídio pode causar dentro de um mesmo local, um único país. As tribos da Amazônia, por exemplo, os Pirahã e os Paiter Suruí, possuem filosofias complexas, constituindo temas de pesquisa de muitos estudiosos⁹. Uma filosofia que não se resume somente à formulação de teorias, mas, também, uma filosofia epistemologicamente densa.

Exemplificando a densidade epistemológica dessas tribos, começarei pelos Pirahã, tendo como base o artigo *The Interpreter* de Colapinto (2007). Os Pirahã, uma tribo amazônica que não possui recursão – a formulação de frases sequenciais como: O cachorro que subia o rio foi mordido pela cobra. No caso desta tribo, os conectivos gramaticais que deixam a frase fluir não existem em sua língua. Seria como: tinha um cachorro. O cachorro subia o rio. O cachorro foi mordido. Uma cobra mordeu o cachorro. Os Pirahã possuem ao todo onze letras em seu alfabeto, distinguindo as palavras pela diferenciação de tons, o que torna a língua extremamente difícil de se compreender e se aprender. Sendo a complexidade de sua linguagem uma das principais fontes de pesquisa filosófica contida em sua cultura.

Não bastando a dificuldade em alto grau de se aprender a linguagem dos Pirahã, a cultura desses índios da Amazônia se difere também por seu imediatismo, ou seja, o amanhã não importam para eles. Isso faz com que sua cultura não possua mitos, escritas e artes e que o agora seja apenas o hoje, nem o ontem e nem o amanhã. O imediatismo dos Pirahã traz consigo alguns problemas como o problema das memórias, afinal, se tudo acontece hoje, como guardamos todos os dias o que é cada coisa cotidiana que

⁸ <http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/ubuntu-filosofia-africana-que-nutre-o-conceito-de-humanidade-em-sua-essencia> Acessado em: 12 de setembro de 2020 às 13h00.

⁹ Seja por sua linguagem, por seus métodos de adquirir conhecimento, por sua medicina, entre outros.

aprendemos ontem? Por esse e outros motivos que a cultura dessa tribo se torna tão instigante e importante para diversas áreas de estudos da Filosofia.

Com um contraste visível, os índios Paiter Suruí, diferentemente dos Pirahã, possuem mitos que integram a história da tribo, sendo eles constituídos de artes e símbolos. Entretanto, como citado por Kachia Techio, os Paiter Suruí usam dos mitos também para uma questão territorial. Ela expõe:

Nesse aspecto o mito ainda se insere como um marcador territorial, pois para esses interlocutores os marcadores são percebidos através dos símbolos e de suas representações que são efetivadas no espaço das ações, e as ações definem a territorialidade, o de dentro e o de fora, o residente e o estrangeiro, vinculadas à cosmogonia e experiências socioespaciais e possibilitam a formação das identidades culturais e do pertencimento identitário. (TECHIO, 2017, p. 732-733)

Desta forma, na tribo Paiter Suruí, os mitos não são usados apenas como construção da história da tribo, mas, também, como construção particular de cada indivíduo. Tchio continua:

Também presentes no território e no espaço de construção das representações são consideradas as ações humanas sobre o espaço, ações novas alteradas pela proximidade com o “outro” (o contato com o não indígena), os sentimentos de perda, os sentimentos de pertencimento da nova geração [...] A forma como o sujeito compreende o mundo se produz consoante à sua integração no grupo, instalado em um território próprio, que se define não só pela sua estrutura específica, mas pela diferença que o separa do outro no seu espaço de ação. (TECHIO, 2017, p. 732-733)

A passagem supracitada ressalta, novamente, a importância de um mito dentro da aldeia, seja ele para uma questão história e territorial, como, também, para construir a identidade de um membro da tribo.

O recorrente epistemicídio ignora a importância e a beleza das filosofias não europeias, porém, apenas algumas de muitas culturas resistentes foram abordadas aqui, como prova de que a tentativa de padronização, por mais ampla que seja, não é universal. Em síntese, essas simples exposições de algumas epistemologias do sul são evidências de que a filosofia está com quem consegue saber usar o conhecimento adquirido, independentemente de como o farão, seja através de símbolos, seja através de mitos, da fala ou também da religião. A seguir teremos uma breve exposição de algumas definições

do que consideramos que é a Filosofia, definições essas que são essenciais para o desenvolvimento desta pesquisa.

4. A filosofia e o perspectivismo

É importante recordarmos que a Filosofia não possui um significado único e universal, porém, em meio a tantas definições possíveis, encontramos algumas que colaboram com o raciocínio que desenvolvemos até aqui e que desenvolveremos adiante. Primeiramente, Nicola Abbagnano (2007) expõe uma definição de Filosofia de extrema importância para esse trabalho, no qual apresenta que Filosofia é saber usar o conhecimento adquirido de qualquer forma e lugar, não apenas um conhecimento europeu e masculino. “É necessária, portanto, uma ciência em que coincidam fazer e saber utilizar o que é feito, e esta ciência é a Filosofia” (ABBAGNANO, 2007, p. 453).

Outra definição de Filosofia que norteia este trabalho é a de Gilbert Ryle (1945). O filósofo apresenta duas formas de adquirir conhecimento, que ele chama de *saber-como* e o *saber-que*, no qual, basicamente, o saber-que é um conhecimento mais voltado para a teoria, enquanto o saber-como é mais prático. Por exemplo, suponhamos que desejamos fazer um bolo, na teoria, o bolo é um número determinado de ingredientes e quantidades, porém, na prática, apenas a teoria não é o suficiente nesse caso. Posso saber toda a receita (saber-que), mas, não necessariamente, saberei fazer o bolo perfeitamente, enquanto o saber-como, posso saber como fazer o bolo sem precisar de receita nesse caso. Mas um não supera o outros, ambos devem ser considerados igualmente importantes e úteis e assim funciona também a Filosofia, com conhecimentos adquiridos na teoria, mas também com conhecimentos práticos de todas as culturas.

Machado (2020, p. 2) apresenta a noção de que “[...] não conhecer não quer dizer que não exista [...]” as diversas filosofias aqui citadas, são apenas alguns exemplos superficiais da grande diversidade filosófica existente no mundo. Devemos ressaltar que a unidade e a universalidade não são dispensadas neste artigo, apenas rejeitamos a tentativa de padronização de um conhecimento como o único válido. A ciência, por exemplo, assume uma forma, que alguns podem chamar de universal, aceita pela maioria dos países e sociedades; e essa tendência de universalizar alguns conhecimentos muitas vezes pode ser necessária para a ampliação dos saberes. Porém, o que criticamos nessa tendência de “universalizar o conhecimento” é a cortina que alguns estudiosos colocam

sobre os olhos e não permitem que mais nenhuma perspectiva seja acrescentada ou aceita ao que já foi descoberto.

Novas perspectivas, de diversas culturas e povos, são necessárias para evolução e desenvolvimento da humanidade, de forma que acrescente conhecimento e novos pontos de vistas para teorias que podem estar obsoletas. O perspectivismo propiciado pelas diversas filosofias, que não se concentram apenas na Europa, pode trazer novos saberes propiciando um impacto positivo no desenvolvimento das ciências, sejam elas humanas, exatas ou biológicas, com benefícios consideráveis para a humanidade. Um exemplo fictício: um remédio que uma tribo indígena conhece na América do Sul pode ajudar a curar uma doença na Ásia. “Nossa história é potência, vivência, experiências... é movimento de cada coisa dentro de um todo, respeitando as singularidades, as diversidades em meio a unidade” (MACHADO, 2020, p. 5)

Em suma, a Filosofia, apesar de não se limitar a uma única definição universal, assumimos que Filosofia possibilita a expressão de saberes indicativos de formas de se usar o conhecimento adquirido, seja através da academia ou de saberes práticos passados de geração em geração, de forma que possamos desenvolver saberes diversos com múltiplas perspectivas. A seguir, teremos algumas definições sobre as tecnologias de informação e comunicação, também sobre como as TIC se relacionam com o epistemicídio e como essas tecnologias, juntamente com a Filosofia, desencadearam consequências boas e ruins para a sociedade.

5. TIC, tecnologia digital e neocolonialismo

Na última década, a padronização atingiu patamares ainda não alcançados devido aos recursos das TIC, que incluem internet, redes sociais, Big Data, entre outros. Agora podemos considerar procedimentos estéticos com tecnologia avançada para atingir outros tipos de padrões, como o “padrão” de beleza. Além do compartilhamento indevido e descontrolado de dados nas redes sociais e, até mesmo, tecnologias implantadas no corpo humano, visando a construção do transhumano (de acordo com o projeto em desenvolvimento na Universidade de Oxford, UK, conhecido como *Transhumanismo*). O avanço e desenvolvimento das TIC parece aprofundar, por um lado, o epistemicídio existente, inaugurando agora novas formas de padronização. Por outro lado, esse mesmo desenvolvimento das TIC parece instaurar ferramentas de comunicação entre minorias, possibilitando agora novas formas de organização e fortalecimento.

Este tópico apresenta de forma aprofundada, a evolução de algumas TIC e outras tecnologias digitais¹⁰. Vimos aqui que em apenas uma década tanto as TIC como as tecnologias digitais tiveram um enorme avanço, não apenas no âmbito científico e da comunicação, mas, também, na área da estética e da medicina. A cirurgia estética, por exemplo, não é algo tão recente, porém esse tipo de procedimento tomou novas dimensões nos últimos anos, não só em relação aos avanços tecnológicos, mas em relação a idealização do padrão de beleza. Homens e mulheres, obcecados por uma beleza quase impossível imposta pela mídia, se submetem a procedimentos estéticos invasivos e muitas vezes perigoso, para alcançarem uma beleza idealizada e, na maioria das vezes, fictícia¹¹.

Cabe aqui mencionar também os transhumanos, pessoas dispostas a implantar tecnologia em seus próprios corpos com ajuda de cientistas, por exemplo, chips, cartões de crédito, cartões magnéticos, entre outros. A longo prazo já existem estudiosos que falam sobre a capacidade de armazenar inúmeros conhecimentos apenas com um chip, ou, até mesmo, aprender um idioma totalmente novo em questão de segundos, apenas inserindo tecnologias digitais dentro do corpo humano. Fazendo com que a velocidade de aprendizado e memória humana fosse ampliada a um nível quase maquinário.

No campo da medicina, já se tem conhecimento de medicamentos como a *droga do humor*, apresentado no artigo Depois do Prozac¹². No qual existe a possibilidade de controlar comportamentos, sentimentos, reações, relações sociais e pessoais através de um remédio.

[...] a culpa é desagradável de se sentir, e a antecipação de senti-la pode inibir nosso comportamento, de modo que evitamos nos comportar de uma maneira que possa resultar em culpa. Uma vez que a culpa, quando funciona corretamente, é sentida em resposta à ação imoral, evitarmos agir de uma forma que possa resultar em culpa ajuda a nos prevenir de agirmos de forma imoral [...]¹³ (LIAO; ROACHE, 2009, p. 4)

¹⁰ Devemos ter em mente que as TIC se diferenciam de outras tecnologias, tratores, carros, drones, por exemplo, são tecnologias que não se enquadram em informação e comunicação.

¹¹ Pessoas que se submetem a dezenas de procedimentos estéticos para ficarem parecidas com personagens fictícios, por exemplo.

¹² After prozac.

¹³ “[...]guilt is unpleasant to experience, and the anticipation of feeling it can inhibit our behavior, such that we avoid behaving in a way likely to result in guilt. Since guilt, when functioning properly, is felt in response to acting immorally, our avoidance of acting in a way likely to result in guilt helps to prevent us from acting immorally [...]”

Assim como a maioria das tecnologias digitais, esse medicamento possui alguns benefícios, por exemplo, o autoconhecimento, e alguns malefícios, por exemplo, a ausência de culpa, fazendo com que hajamos imoralmente.

Quando falamos TIC, uma das primeiras associações é a internet, e com a velocidade de processamento de dados na internet não podemos deixar de falar a respeito dos Big Datas. E ainda que Big Data não possua uma definição precisa, uma descrição corrente desse termo inclui três Vs: velocidade, variedade e volume. Ou seja, uma quantidade extremamente abundante de dados (volume) com temas e informações completamente diversificados (variedade) e com uma rapidez que é impensável para um computador comum e muito mais para um cérebro humano (velocidade). Outras fontes, classificam o Big Data como tendo uma descrição em cinco Vs¹⁴, além da velocidade, volume e variedade, enquadrar-se-iam também o valor e a veracidade.

Porém, tratando-se de Filosofia, o conceito de valor e veracidade são, por si só, extensos e complexos para serem considerados nessa análise. Afinal, através de Big Data é possível armazenar abundantemente qualquer dado e não apenas dados que correspondem a situações reais ou com valor de utilidade. Posso, por exemplo, abrir uma conta em um banco com documentos falsos, os dados falsificados estarão no sistema do banco e, provavelmente, processados na nuvem, dessa forma temos dados falsos sendo analisados e armazenados e não apenas dados verídicos.

A atuação dos Big Data é silenciosa e quase imperceptível, mas, esse silêncio pode ser perigoso quando nos dispomos a compartilhar dados na rede e, conseqüentemente, perder cada vez mais a nossa privacidade junto sem percebermos. Por exemplo, suponhamos que temos o desejo de comprar um livro específico, quando procuramos em diversos sites sobre este produto, os dados de buscas vão sendo armazenados e, posteriormente, começamos a ser bombardeados com a propaganda do mesmo produto em diversos outros feeds das redes sociais.

O reconhecimento de voz, por exemplo, atua de forma mais despercebida, ao meu ver. Novamente, tomemos como exemplo o livro. Se eu falar diversas vezes que desejo o livro X, o celular estando no bolso, dentro da bolsa, em lugares próximos a mim, consegue armazenar os dados presentes em minha fala e, novamente, começar a me enviar propagandas e promoções sobre o produto. Outro exemplo de como nossos dados são absorvidos sem percebermos é quando, ao deixarmos o localizador do celular ligado,

¹⁴ Atualmente, podemos encontrar definições de Big Data com mais de 17 Vs.

recebemos notificações perguntando se gostamos do estabelecimento que acabamos de sair e se desejamos fazer uma avaliação ou comentário.

Atualmente é possível saber onde estamos, o que estamos fazendo, com quem falamos, quanto dinheiro temos em bancos, como movimentamos esse dinheiro, quais são nossos interesses e gostos pessoais, qual a nossa rotina apenas com a análise dos dados. Os Big Datas vão muito além do que apenas esses exemplos, temos um armazenamento e análise de dados tão constantemente que podemos começar a nos questionar se realmente ainda temos privacidade.

Com o avanço da tecnologia, digitais e de comunicação, hoje podemos falar a respeito do neocolonialismo que, de acordo com o Jornal da USP, os recursos de exploração deixaram de ser terras e passaram a ser nós mesmos. O que isso quer dizer? Basicamente, o neocolonialismo não explora mais terrenos e sim dados disponíveis em todo o mundo. Através das redes sociais, internet e diversos tipos de captação de informações, os países tecnologicamente mais desenvolvidos possuem capacidade de absorção de conteúdo pessoal disponíveis nas redes sociais.

Couldry (2010) afirma que: “podemos dizer que, um pouco do que o Facebook está fazendo na África, com suas plataformas gratuitas, é o neocolonialismo. Eles estão usando o antigo poder do Ocidente para entrar nas economias africanas que têm uma infraestrutura fraca devido ao legado do colonialismo”¹⁵. Porém, a definição de neocolonialismo é extensa e muito delicada, não só na questão do uso de dados, mas também na sedução do consumidor, para que disponibilize suas informações. Sem localização geográfica e território específico o neocolonialismo possui a mesma estratégia do colonialismo histórico, porém, de uma forma muito mais silenciosa e abrangente. Resumidamente, enquanto o colonialismo histórico era ditador, na tentativa de padronizar o conhecimento através da força bruta, o neocolonialismo é sedutor, convencendo os usuários a passar seus dados, na maioria das vezes, voluntariamente.

Ao possibilitarmos o acesso aos nossos dados quando acessamos as redes sociais ou plataformas acabamos não nos perguntando para onde esses dados vão. Podemos supor uma busca no Google, se estou procurando por um livro X específico, basta uma única procura sobre o item para que as informações estejam aparecendo em forma de anúncio em diferentes feeds de notícias dos lugares em que estamos conectados.

¹⁵ Disponível em: <https://jornal.usp.br/universidade/novo-colonialismo-nao-explora- apenas-riquezas-naturais-explora-nossos-dados/?amp>

Outro exemplo, ainda operando com o Google, podemos procurar na barra de buscas uma palavra e em seguida, várias frases relacionadas com aquela palavra aparecerão de sugestão para acessarmos. Isso se dá devido aos dados que a plataforma absorve em diversas buscas já feitas. Se outra pessoa, com interesses totalmente diferentes procurasse a mesma palavra, sua sugestão de frases seria diferente. Os dados armazenados propiciam que as mesmas informações sejam constantemente bombardeadas para o usuário, causando, muitas vezes, uma certa alienação. A sedução da rede acontece de forma tão suave que não conseguimos ter noção de que vemos a mesma coisa diversas vezes ao longo dos dias.

Quando estamos emergidos pelas tecnologias digitais, nossa capacidade de distinguir o que é verdadeiro ou falso pode ficar comprometida, até mesmo afetando nossa percepção da realidade. Não é incomum encontrarmos pessoas conectadas em jogos de realidade virtual se machucando pela alteração da percepção dos ambientes em que jogam. Ademais, passar horas e até mesmo dias conectados na internet é um exemplo de como a imersão intensa na web, principalmente, pode afetar a realidade dos indivíduos. O documentário *Web Junkie* (2013), dirigido por Hilla Medalia Shosh Shlam, mostra como o vício na internet pode chegar até um nível incontrolável a ponto de precisar de intervenções médicas e reabilitação.

O documentário descreve a vida de três jovens chineses viciados em internet na cidade de Beijing, suas famílias e a jornada que os adolescentes percorrem para se desintoxicarem do vício intenso na internet. Sendo necessário interná-los na reabilitação com acompanhamento de profissionais e administração de medicamentos. Exemplos como o filme *Web Junkie* (2013) mostram que o uso descontrolado de acesso a internet, nesse caso, pode ser prejudicial a ponto de o usuário não se alimentar mais, não desenvolver contato social presencialmente ou, até mesmo, nenhum contato social. Assim, as percepções de verdade e realidade ao redor desse indivíduo se alteram gradualmente conforme ele deixa de viver no mundo presencial e passa a viver no virtual, podendo desenvolver ansiedades sociais quando está desconectado, além de diversos outros problemas psicológicos e físicos, por exemplo, ortopédicos e de visão.

As TIC podem ser muito bem utilizadas e apresentar um ótimo propósito quando usadas com limite e sabedoria. Quando analisamos um dos papéis positivos que as TIC possuem encontramos a possibilidade de comunicação a distância que tem se mostrado útil, principalmente na pandemia de covid-19. Além do acesso quase imediato a textos, artigos e notícias sobre fenômenos nacionais e internacionais. As TIC permitem que seres

humanos se comuniquem e interajam de maneira praticamente instantânea em vários lugares do globo. Além de permitirem, também, a visibilidade e a oportunidade de enunciação, em que os grupos resistentes ao epistemicídio possuem a possibilidade de comunicarem a importância de suas culturas e de sua luta de resistência.

Em meio ao quase total esquecimento as oportunidades com o avanço tecnológico da última década, permitiram que culturas oprimidas se auto-organizassem através da tecnologia. Segundo Debrun (1996, p. 12) “Há auto-organização cada vez que, a partir de um encontro entre elementos realmente [...] distintos, desenvolve-se uma interação sem supervisor [...] - interação essa que leva eventualmente à constituição de uma ‘forma’ ou à reestruturação, por ‘complexificação’, de uma forma já existente.”. A possibilidade de grupos oprimidos terem mais visibilidade permitiu que outros grupos e indivíduos pudessem se identificar e se fortalecerem uns nos outros, isto é, uma interação de elementos realmente distintos sem supervisor.

Como exemplo, temos o caso dos índios Paiter Suruí, no qual, devido à atual pandemia do coronavírus, diversos membros da tribo estão mordendo da doença, podendo até chegarem a extinção. Assim, como meio de buscar ajuda, a tribo criou uma *vakinha* on-line para arrecadarem recursos para o combate ao covid-19. Julgamos que as tecnologias digitais e as TIC podem viabilizar a auto-organização dos povos marginalizados. Mas o que é a auto-organização? Para o propósito desse artigo, assumiremos os pressupostos da auto-organizado por Michel Debrun no próximo tópico.

6. A Auto-Organização

Inicialmente, a auto-organização por Debrun (1996) ocorre entre dois elementos, sejam eles entre dois corpos distintos ou até mesmo dentro de um mesmo corpo, por exemplo, podemos ter células se auto-organizando dentro do corpo humano. Porém, por mais que as partes mudem dentro do todo, é o todo que se organiza e não as partes. O prefixo “auto” possui um papel importante nessa palavra, uma vez que, algo que é apenas organizado, pode ser organizado por elementos externos, por exemplo, quando precisamos organizar nossa casa, do contrário, ela não se organizará sozinha. Entretanto, um elemento auto-organizado é diferente, partindo do ponto que a palavra “auto” se origina de autonomia, isto é, a capacidade de agir por si só, independente de meios externos, resultando em uma organização autônoma “[...] um processo organizado, de ser

‘auto’, de ser ‘ele mesmo’, de ser inteligível e partir de si mesmo.” (DEBRUN, 1996, p. 6)

Contudo, o processo de auto-organização possui duas etapas, chamadas de primária e secundária. A auto-organização primária parte da causalidade - cruzamento de linhas causais com histórias independentes. Dessa forma, a primária não parte de nenhum sistema já definido, mas, sim, de um evento. “No tocante a essa primeira modalidade de auto-organização diremos que ela é ‘primária’, para destacar que ela não parte de uma ‘forma’ (ser, sistema, etc.) já construída, mas que, ao contrário, há ‘sedimentações’ de uma forma” (DEBRUN, 1996, p. 9).

Quando falamos de auto-organização secundária, já temos presente um sistema construído. Debrun menciona um organismo humano, no qual, temos a presença de um sujeito¹⁶ que irá “direcionar” a organização para o nível superior, porém, o face-sujeito não pode exercer um papel de dominação sobre os outros elementos da auto-organização, precisa ser, necessariamente, uma relação mútua entre os envolvidos. “O papel hegemônico de cotas partes significa que ‘dirigem’, mas têm para tanto de ‘solicitar’ as outras, senão não conseguem nada” (DEBRUN, 1996, p. 10). Pois, uma vez que o sujeito tenta dominar, a auto-organização deixa de existir para dar espaço para a hetero-organização¹⁷.

Cabe ressaltar que a auto-organização ocorre em graus, para exemplificar, vamos supor que o elemento A e o elemento B sejam semelhantes, assim, uma vez que partilharem de uma auto-organização, essa possuirá um grau baixo, considerando que a maior parte de suas características já são similares umas as outras. No entanto, se assumirmos que o elemento C é totalmente distinto do elemento B, teremos uma auto-organização forte, levando em conta que muitos elementos terão que se organizar harmonicamente para que haja sucesso. Lembrando que nem toda auto-organização é bem-sucedida, se por algum motivo o processo é interrompido ou não pode/consegue ser finalizado, temos, assim, uma auto-organização malsucedida.

7. Conclusão

O nosso objetivo nesse artigo consistiu em analisar quais podem ser os papéis das TIC em relação ao epistemicídio, assim, partimos do pressuposto que existem vários tipos

¹⁶ “Face-sujeito” (DEBRUN, 1996, p. 9) como citado por ele.

¹⁷ Quando um sujeito, seja ele qual for, impõe sua vontade sobre os outros elementos.

de Filosofias, baseando-nos na distinção entre “saber-que” (saber teórico) e “saber-como” (saber de habilidades práticas) proposta por Gilbert Ryle (1945). Concluimos que: (1) não apenas os gregos possuem Filosofia, mas, também, aqueles que sabem como usar o seu conhecimento, seja ele teórico ou prático. (2) Um dos valores positivos das TIC reside na possibilidade de comunicação entre grupos de minorias, principalmente aqueles resistentes ao epistemicídio e a capacidade de auto-organização. (3) O epistemicídio, entretanto, ainda está vivo em formas mais sofisticadas, por exemplo, no neocolonialismo.

Dentre os resultados parciais apresentados nesse artigo destacamos: (a) A fundamentação da hipótese segundo a qual as TIC podem ter consequências epistemológicas na interação de usuários de redes digitais; (b) entre as consequências ressaltamos (negativas) a invasão de privacidade, vigilância da vida privada, armazenamento abundante de dados - muitas vezes não permitidos –, reforço de padrões estereotipados, entre outros; e (positiva) auto-organização de grupos resistentes ao epistemicídio, maior visibilidade aos grupos minoritários, mais lugar de enunciação, diversos conteúdos informativos que nos ajudam a conhecer cada vez mais culturas diversas, etc..

Apesar das consequências negativas que as TIC apresentam, o avanço da tecnologia e da comunicação podem abrir cada vez mais portas e trazer para os holofotes do conhecimento grupos que foram menosprezados no passado. Em síntese, as TIC nos permitem conhecer povos diferentes e conteúdos com vários tipos de conhecimento, gerando uma maior conectividade entre as culturas e possibilitando-nos a caminhar cada vez mais em direção à igualdade e ao respeito.

Referências

- BOSTROM, N. *Transhumanist Values. Review of Contemporary Philosophy*. New York, 2005, p. 3-14. <Disponível em: <https://www.nickbostrom.com/ethics/values.html>>. Acessado em: Janeiro 2020.
- CHAUI, M. *Convite à Filosofia*. Ed. Ática, São Paulo, 2000.
- COLAPINTO, J. *The Interpreter*. 2007. Disponível em: <<https://www.newyorker.com/magazine/2007/04/16/the-interpreter-2>>. Acessado em: Maio 2019.
- DEBRUN, M. *A idéia de auto-organização*. In: D’Ottaviano, I. M. L. & Gonzalez, MEQ. (Orgs.). *Identidade Nacional Brasileira e Auto-organização*. Campinas: UNICAMP, 2009 (CLE, v.53), p.31-74.
- FEENBERG, A. *O que é Filosofia da Tecnologia?* Conferência na Universidade de Komaba. 2003. Disponível em:

- <http://www.sfu.ca/~andrewf/Feenberg_OQueEFilosofiaDaTecnologia.pdf>. Acessado em: Janeiro 2020.
- FLORIDI, L. *The information society and its philosophy: Introduction to the special issue on "the philosophy of information, its nature and future developments"*. *The Information Society: An International Journal*, 25.3, 2009, pp. 153-158.
- HAN, B. C. *Sociedade do Cansaço*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2015.
- JORNAL DA USP. *Novo colonialismo não explora apenas riquezas naturais, explora nossos dados*. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/universidade/novo-colonialismo-nao-explora-penas-riquezas-naturais-explora-nossos-dados/>>. Acessado em: Janeiro 2020.
- LIAO, S.; ROACHE, R. *After Prozac*. In: Savulesco, J.; Meulen, R. & Kahane, G. *Enhancing Human Capacities*. Wiley-Blackwell, 2011, p. 245-256.
- LOTHA, G.; GAUR, A.; ROGERS, K. *Genetic Engineering*. Em: *Encyclopaedia Britannica*. 2019. Disponível em: <<https://www.britannica.com/science/genetic-engineering#ref337079>>. Acessado em: Janeiro 2020.
- MACHADO, F. A. *Filosofia Africana e Saberes Ancestrais Femininos: útero do mundo*. 2020. Disponível em: <<https://diplomatique.org.br/filosofia-africana-e-saberes-ancestrais-femininos-utero-do-mundo/>>. Acessado em: Maio 2021.
- MAYER-SCHONBERGER, V.; CUKIER, K. *Big Data. A Revolution That Will Transform How We Live, Work and Think*. Houghton Mifflin Harcourt., 2013.
- MORIN, E. *Complex Thinking for a Complex World – About Reductionism, Disjunction and Systemism*, 2014. Disponível em: <<http://www.systems-journal.org>>. Acessado em: Abril 2020.
- RIGGS, R. *Contos Peculiares*. Intrínseca. Rio de Janeiro, 2016.
- RYLE, G. *Knowing How and Knowing That: The Presidential Address*. Wiley. Londres, 1945.
- SANTAELLA, L. *Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano*. Famecos. Porto Alegre, 2003.
- SANTOS, B.; MENEZES, P. *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina. SA, 2009.
- WANDERLEY, M; TÉCHIO, K; CARNEIRO, S; COSTA, F. *I Soeixawe*. Congresso Internacional de Pesquisa Científica na Amazônia. CT Paiter Suruí, Cacoal, Rondônia-Brasil. Disponível em: <<http://www.cle.unicamp.br/ebooks/index.php/publicacoes/catalog/view/2/5/49-1>>. Acessado em: janeiro 2019.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a CAPES, CNPQ pela oportunidade de desenvolver esta pesquisa que me agregou muito conhecimento pessoal e acadêmico, agradeço, também, a Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP – FFC). Meus mais sinceros agradecimentos à minha dedicada orientadora Maria Eunice Quilici Gonzalez por sua paciência e sábios conselhos que me ajudaram a evoluir com este trabalho e, também, como pessoa. Mariana Vitti Rodrigues, obrigada por estar disponível para me ajudar com os detalhes e as dúvidas. Ao grupo GAEC da UNESP – FFC por estarem dispostos a agregar com comentários e sugestões para que o trabalho fosse cada vez melhor. Por fim, agradeço aos meus amigos e família, obrigada por me fornecerem o alicerce que eu precisei todas as vezes que as coisas ficaram difíceis.

Recebido em: 26/11/2021

Aprovado em: 12/04/2022